



Entre conjugações, rimas e atritos:

educações matemáticas em encontros Foucault-Deleuze

Sônia Maria Clareto¹

Alexandrina Monteiro²

RESUMO

Este texto tem por objetivo abrir a discussão do dossiê que busca conjugar, rimar ou atritar Foucault e Deleuze e educação matemática visando uma mudança de atmosfera na educação matemática, uma atmosfera em que o pensamento é possível, novamente [...]. Nosso desafio é o de dialogar com os trabalhos de pesquisadores no campo da educação e da educação matemática que se aventuram no universo dos dois filósofos contemporâneos – Deleuze e Foucault. Um aventurar como um movimento no interior dos campos da educação e da educação matemática que se lança para outras dimensões dentro do mesmo espaço. E fora dele. Uma abertura para o fora! Um exercício de criação de novas questões, emersão de novas possibilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Deleuze. Educação Matemática.

ABSTRACT

This paper aims to open the discussion of the dossier that seeks to conjugate, rhyme or rub Foucault and Deleuze and mathematical education aiming at a change of atmosphere in mathematical education, an atmosphere in which thought is possible, again (...). Our challenge is to dialogue with the work of researchers in the field of mathematical education and education who have ventured into the universe of the two contemporary philosophers - Deleuze and Foucault. An adventure as a movement within the fields of education and mathematical education that launches into other dimensions within the same space. And out of it. An opening to the outside! An exercise in creating new issues, emerging new possibilities.

KEYWORDS: Foucault. Deleuze. Mathematics Education.

Deleuze, sobre Foucault:

“Vou dizer como eu o percebia. É um dos raros homens que, quando entrava em uma sala, mudava toda a atmosfera. Foucault não era apenas uma pessoa, aliás, nenhum de nós é apenas uma pessoa. Era como se outro ar entrasse. Era uma corrente de ar especial. E as coisas mudavam. Era um fator atmosférico. Foucault tinha como que uma emanção. Como uma emissão de raios. Alguma coisa assim. [...]... Os gestos de Foucault eram

¹ Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora

² Professora da Universidade Estadual de Campinas

impressionantes. Tantos gestos... Pareciam gestos metálicos, gestos de madeira seca. Eram gestos estranhos, fascinantes. Muito bonitos.” (Deleuze, 1988)

Foucault, sobre Deleuze:

"Uma fulguração se produziu que receberá o nome de Deleuze. Um novo pensamento é possível, novamente o pensamento é possível... Um dia, talvez, o século será deleuziano" Foucault, 1970).

"Não sei o que Foucault queria dizer, nunca lhe perguntei. Foucault tinha um humor diabólico. Talvez quisesse dizer isto: que eu era o mais ingênuo dos filósofos da nossa geração. Em todos nós se encontram temas como a multiplicidade, a diferença, a repetição. Mas eu proponho conceitos quase em bruto, ao passo que os outros trabalham mais com mediações. [...]. É talvez isto que Foucault queria dizer: eu não era o melhor, mas o mais ingênuo, uma espécie de arte bruta, se se pode dizer; não o mais profundo, mas o mais inocente (desprovido da culpabilidade de "fazer filosofia)". (Deleuze, 2008, p. 111)

Como conjugar, rimar ou atritar Foucault e Deleuze e educação matemática? Uma *mudança de atmosfera*? Uma *corrente de ar especial*? Uma *emissão de raios*? Um *novo pensamento*? Sim! *Novamente o pensamento é possível...* Uma mudança de atmosfera na educação matemática, uma atmosfera em que o pensamento é possível, novamente...

É disso que se trata? É disso que se trata!

Auscultar a produção da educação matemática em agenciamento com Foucault e com Deleuze: educações matemáticas outras eclodindo, pensamentos outros em possíveis. Como Foucault e Deleuze trazem uma rajada de ar fresco para educação matemática? Que agenciamentos se fazem? Que pensamentos se fazem possíveis junto a Deleuze e a Foucault? Talvez um dia o século seja deleuziano... Talvez um dia o século seja foucaultiano... Educações matemáticas em produção, em possíveis...

Este desafio move o número especial da Revista *Perspectivas em Educação Matemática: Foucault, Deleuze & Educação Matemática*. Um desafio de articular trabalhos de pesquisadores no campo da educação e da educação matemática que se aventuraram no universo dos dois filósofos contemporâneos – Deleuze e Foucault.

Um aventurar como um movimento no interior dos campos da educação e da educação matemática que se lança para outras dimensões dentro do mesmo espaço. E fora dele. Uma abertura para o fora! Um exercício de criação de novas questões, emersão de novas

possibilidades. Um espaço outro vai se dando em relações com o fora da educação e da educação matemática; relações outras; espaços outros...

O espacial seria aquilo que nos coloca diante do inevitável estar aí heterogêneo que constitui o mundo e que nos afeta e exige “tomadas de posição”, negociações no entre-trajetórias humanas e inumanas na busca de sentidos em meio aos não sentidos despregados dos encontros inusitados com algo desse aí espaço-heterogêneo. Conceção de espaço que aproximo daquilo que a epígrafe de Clarice Lispector (1964) indica: a (des)articulação entre a casa e o terreno. Casa sendo “as coisas que foram se tornando as palavras que me fazem dormir tranquila”, tudo aquilo que já está significado na cultura. Mas “embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida”, chão esse que escapa dessa casa-palavra e experimenta a perdição fazendo notar “o mal-estar de não entender o que se sente, de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las”. Terreno remetendo para o encontro com aquilo que está aí e não é palavra, algo aquém e além do signo que tranquiliza; e que é áspero, sensível, sensorial, (des)articulado. (OLIVEIRA, 2015, p.121)

O encontro da educação matemática com Deleuze e Foucault, parece remeter a essas múltiplas possibilidades de interconexões espaciais *sempre inacabado e aberto, estando, portanto, sempre em construção, no entrelaçamento de trajetórias em curso, das quais algo novo pode emergir. Afinal, tolice é viver a vida sem aventura...*³

o espaço envolve contato e alguma forma de negociação social. [...] implica o inesperado sendo uma eventualidade, um produto contínuo de interconexões e não conexões [...] sempre inacabado e aberto, estando, portanto, sempre em construção, no entrelaçamento de trajetórias em curso, das quais algo novo pode emergir. (OLIVERIA, 2015. p.119-120)

Michel Foucault e Gilles Deleuze, assim como a dupla Deleuze e Gattari, têm frequentado, no Brasil e no mundo, a filosofia da educação. O campo específico da educação matemática tem sido, muito recentemente, espaço de confluência desse frequentar. Conexões e articulações emergem numa (des)construção na área. Colocar foco nestas (des)construções pode despontar como uma zona de interesse de pesquisadores, educadores matemáticos e demais envolvidos na área. Possibilidades outras de pensamento se fazem em possíveis, fazendo-se em encontros...

³ Letra da Música Último Romântico de Lulu Santos

Encontros entre Foucault e Deleuze. Encontros entre amigos⁴, entre filósofos, entre pensadores da diferença! Encontros como possibilidades de danças sem coreografias, de movimentos que se deslocam nos afetos, nos atravessamentos. Assim, *façamos do encontro um novo caminho, da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura um encontro!* (SABINO, 1981)

Encontros entre Foucault, Deleuze e educação matemática, que aqui se iniciam buscando por criações de novos cenários, como aponta Gallo (2003), ao questionar sobre o *uso* de conceitos deleuzianos no campo da educação, já que esse campo não foi priorizado em suas discussões. No cenário pedagógico contemporâneo esse encontro se justifica pelo inusitado, pelo imprevisto, pelo diferente (GALLO, 2003), isto é, apesar de Deleuze – e também de Foucault – não colocar como foco direto de seus trabalhos questões do campo educacional, os conceitos que produziu podem *fazer pensar a partir de nossos próprios problemas*.

Foi esse o exercício que o grupo de autores do volume especial da Revista *Perspectiva em Educação da UFMS, Foucault, Deleuze & Educação*, se propôs: experienciar com e dar a pensar questões do campo da educação e da educação matemática, dando a ver modos, exercícios e experimentações com esses autores na e com a educação matemática: educações matemáticas.

O exercício de trazer Foucault e Deleuze como interlocutores para dar a pensar questões presentes no contexto da educação matemática contemporânea entra num campo discursivo composto por muitas vozes, em especial as relacionadas às políticas públicas de inclusão, às práticas pedagógicas no interior das instituições escolares, à meritocracia, entre outras.

No contexto dessa multiplicidade, os textos desta revista se (des)encontram. O exercício não é o de tematizar uma ou algumas questões educacionais. É o de colocar autores e leitores a problematizar questões do campo educacional. Num exercício do pensar, desdobrado neste conjunto de artigos, fazendo uso de alguns conceitos como ferramentas analíticas ou como como de operar, por a pensar: movimento que permite operar por

⁴ Amigo aqui é compreendido na perspectiva da experimentação política da amizade a partir Espinosa, ou seja, o corpo como algo essencialmente relacional, no encontro com seus outros, afeta e é afetado por eles que permite o aumento da potência de pensar e agir.

deslocamentos e deslizamentos no campo educacional, criando modos outros de proceder. Sair do território demarcado para permanecer na fronteira, *no entre*, na dobra.

No atritar, rimar e conjugar Foucault e Deleuze e educações matemáticas: uma produção de movimento do pensar. Temas como aprendizagem, formação e formação docente, tão caros à educação e à educação matemática, contaminados pelo pensamento destes filósofos, tomando contornos outros, possibilidades outras. Problematizações acerca do valor da ciência e da matemática e dos modos de produção desses saberes, tomam lugar neste movimento. A produção de discursos de verdade para o ensino de matemática, discussões acerca da produção de estudantes na aula de matemática, contaminadas por conceitos destes autores movimentam um pensar acerca da educação matemática escolar, entrando em composição com currículos e fazeres matemáticos da e na escola. Conceitos como *matemáticas menores*, que operam com a ordem do discurso matemático trazem o frescos de um pensamento novo para a área. Temáticas como Etnomatemática e História da Educação Matemática, se banham nestas águas.

Uma produção de educações matemáticas vai se dando. Produção de um pensamento outro que engendra pensar no pensamento... Tanto as elaborações conceituais, quanto as abordagens de pesquisa – em seus modos e procedimentos – e a produção escrita da área vai sendo composta em uma atmosfera de intensidades e de pensares outros.

Nesta *corrente de ar especial*, esta revista vai se aconchegando, dando a ver e a ouvir produções da área de educação matemática contaminadas por modos, conceitos, pensares e investigações em atrito com Deleuze e Guattari, intercessores primeiros dos artigos que a compõem.

Assim acontece com o artigo proposto por Cláudia Glavam Duarte e Alice Stephanie Tapia Sartori que instiga a busca pelos filósofos Michel Foucault e Gilles Deleuze como intercessores para problematizar a educação matemática. As autoras propõem que os discursos de verdade para o ensino de matemática atravessam uma determinada época e engendram algumas dobras, fabricam corpos e almas, professores e alunos. Desconfiar de tais verdades, mostrando seu caráter contingente e arbitrário: *des-con-fiar de tais verdades, des-fiar-com Foucault e Deleuze as tessituras, as amarras tão fortemente entrelaçadas que garantem a existência de verdades que nos parecem naturalizadas e que, muitas vezes, parece ser uma heresia questioná-las.*

Desconfiar de verdades naturalizadas, problematizando-as, é também a proposta de Melissa Andrade-Molina que coloca em questão a crença de que o ensino de matemática é o acionador do progresso econômico de uma nação, assegurando seu desenvolvimento. Ela propõe uma historização do presente para mapear a fabricação do desejado cidadão qualificado no Chile. Lança mão de um movimento analítico rizomático (Deleuze & Guattari, 1987), junto à caixa de ferramentas de estudos foucaultianos sobre a constituição de sujeitos históricos. A autora afirma: *My contention in this paper is that the dominant narratives about the “qualified citizen” are and have been entangled with the functioning of school geometry, as a technology of government of the self [...], to fabricate a the Modern rational subject by inserting students in particular forms of being and knowing.*

Problematizando a ordem do discurso matemático e articulando Ludwig Wittgenstein e Michel Foucault, Gelsa Knijnik provoca o pensar a partir de outras regras, de outros jogos, distintos daqueles mais hegemônicos na educação matemática: *se pensássemos, inspirados nos ensinamento de Wittgenstein, não na existência de uma única matemática [...], mas em diferentes matemáticas, que entre si não guardassem qualquer tipo de subordinação epistemológica (uma vez que, do ponto de vista sociológico, seria ingênuo não considerar tais subordinações!) em relação àquela eurocêntrica na qual fomos escolarizados?* A autora convoca outras possibilidades de conexões, outras possibilidades de pensar e problematizar o campo da Etnomatemática, da educação matemática e das possibilidades de sentido desse campo do saber, destacando, especialmente, *complexa rede de aprendizagens e poderes que faz com que outros jogos de linguagem matemáticos (que não aqueles legitimados como os jogos de linguagem matemáticos) serem posicionado "em um vácuo" nos currículos escolares.*

A questão curricular é trabalhada, de modo mais evidente, em mais dois artigos. Em um deles, Camila Coradetti Manoel e Márcio Antonio da Silva, em sintonia com as perspectivas curriculares contemporâneas de pesquisa em Currículo, problematizam a matemática financeira apresentada e trabalhada em livros didáticos de matemática do Ensino Médio, discutindo a produção de subjetivação que se evidenciam. Os autores indicam a incidência de práticas neoliberais que procuram mobilizar significados para constituir um “sujeito economicamente útil e empreendedor”: *Percebemos indícios de processos de subjetivação em que o sujeito é seu próprio capital, o capital humano, sua própria empresa por intermédio dos seus salários, ou seja, “renda-salário”. São tramas discursivas*

articuladas nos livros didáticos de matemática do ensino médio, que produzem significados de que os sujeitos devem se empreender, devem gerar, a partir de si mesmos, sua própria renda.

O outro artigo a se ocupar com a discussão curricular é o de Júlio César de Oliveira e Deise de Barros Souza, que se propõem a discutir os modos como o currículo de matemática é problematizado em estudos de um grupo de pesquisa. O pensamento foucaultiano é operado nas articulações do texto, que discute criticamente modos como o currículo produz vida: *Problematizar o currículo de matemática, nesse cenário, é questionar sua marca de neutralidade corporificada, expor e denunciar a animação das coisas do currículo de matemática na produção de subjetividades de alunos e de professores – seus afetamentos para uma vida depois da escola.* Na produção de subjetividade, desdobramentos potencializam outros tantos modos de fazer operar o currículo: *No campo curricular, nossas escolhas produzem silêncios, delimitam espaços geográficos de atuação no desenvolvimento de toda uma série de verdades sobre o que é o aluno, como ele deve ser, o que deve ser para se tornar útil e produtivo socialmente [...]. Um jogo que pode tomar o currículo de matemática como instrumento discursivo de ajustes de condutas e capacidades e, assim, constituir sistemas reguladores e concordes para movimentar uma tecnologia de exclusão social. O que pode o movimento discursivo da matemática nesse contexto? Que silenciamentos reproduz?*

Um currículo. Uma aprendizagem: aprendizagens em suas múltiplas dimensões. Sílvia Gallo explora o tema do aprender na obra do filósofo Gilles Deleuze, aprendizagem como acontecimento. Aprender como agenciamento. Com a educação contemporânea em foco, o autor traz Deleuze explorando modos em que esta educação se dá em suas políticas e em seus fazeres. Uma implicação com o ensinar e com a sala de aula: *se aprender é se relacionar com os signos da matéria, ensinar consiste em emitir signos, sem que tenhamos controle em relação ao que será feito com eles, por aqueles que os encontrarem. Isso não significa que não devamos emitir signos, mas sim que precisamos nos desapegar deles, precisamos abdicar de nossa vontade de controlar o aprendizado de cada um de nossos alunos, apesar de todas as boas intenções que possamos ter com isso. Precisamos ter a coragem de ensinar como quem lança sementes ao vento, com a esperança dos encontros que possam produzir, das diferenças que possam fazer vingar, nos encantando com as múltiplas criações que podem ser*

produzidas a partir delas, não desejando que todos façam da mesma maneira, sejam da mesma maneira.

Ocupando-se, ainda, com a questão da aprendizagem, Diego Gondin e Roger Miarka ampliam a questão do aprender, conectando-a a uma rede de interrogações que se compõem: O que é matemática? Que pode um aprender? Que pode uma matemática? Problematicam o conceito de aprendizagem e, centrados nos trabalhos de Deleuze e Guattari, apostam nas *possibilidades de matemáticas menores que nos permitam pensar a aprendizagem como acontecimento da diferença e não como produção da relação entre diferentes; em outras palavras, em uma aprendizagem inventiva, compreendida como experiência ética, estética e política.*

A questão do aprender, mais uma vez, problematizando a sala de aula e, mais especificamente, o que dentro dela se aprende e se ensina. Ricardo Mendes focaliza suas discussões e problematizações na sala de aula, a partir das concepções de aula expressas por Deleuze e por Paulo Freire, colocando em questão o acúmulo de conhecimentos (conteúdo) e as metas de desenvolvimento de competências. Sala de aula em que *os sujeitos ativos e responsáveis pelo processo educativo escolar dão lugar aos sujeitos expostos à experiência. Sujeitos que padecem e expõem os próprios corpos aos encontros. Assim compreendendo, a aula, ou a escola, não pode ser nada mais do que um lugar de encontros. Ou o espaço livre para a experiência. Ou, ainda, um verdadeiro acontecimento.*

Ocupando-se também com o aprender e com a formação e a formação docente, Margareth Rotondo e Giovani Cammarota lançam(-se) em um exercício e uma preparação com formação docente, dando a pensar políticas cognitivas, signos e invenção: Nesse plano de imanência há o convite à aprendizagem com a experiência formativa. Manter a tensão com problemas: *como alguém aprende?; de que modo nos relacionamos com o conhecimento, com o processo de aprendizagem?; de que modos se dá o pensar no pensamento?; o que pode a invenção na educação e na formação? Invenção, aprendizagem, formação...*

Em um exercício analítico com o alargamento do sentido de aprender matemática, Cláudia Flores propõe dois gestos: um diagnóstico de um dispositivo da aprendizagem matemática e uma experimentação em uma exposição cubista para pensar o ensino da matemática. Junto à exposição cubista nasce uma experiência com crianças de uma turma de sexto ano do ensino fundamental: *Pesquisador, professor e estudantes reunidos em torno de algo que estava em cima da mesa. O pesquisador não tinha um roteiro de observação a ser*

seguido, o professor não tinha a solução final do exercício ou uma lição a ser ensinada, e os estudantes não esperavam para receber as instruções de realização da tarefa. Não havia separação entre eles, tampouco entre saber e não saber. Pesquisar com crianças e não sobre crianças. Com elas, junto a elas.

Na aventura de pesquisar com crianças Bianca Chisté e César Leite também embarcam, propondo pensar a educação matemática e a pesquisa com crianças. Uma pesquisa com imagens produzidas por crianças da educação infantil. Uma produção imagética de crianças que trazem um devir-criança matemática: *um devir-criança da matemática não pensa tudo, não sabe tudo, não determina, não estabelece limites, pois o próprio limite é não ter limites para pensar o mundo, por isso, ele permite a experiência de pensamento, invenção de si e do mundo.* Um devir-criança da matemática? Intensidade, distanciamento da *organização molar da matemática, sua historicidade, sua estrutura, para pensar a matemática molecular, um devir-criança da matemática, que opera fora dos reis e das regências, das regras e convenções, das normas e dos acordos.*

Ainda em pesquisar com crianças, Fernanda Wanderer e Fernanda Longo, trabalham junto a um conjunto de desenhos produzidos crianças, alunos do quarto ano do Ensino fundamental, solicitados a desenhar uma aula de matemática. As autoras apresentam uma estratégia analítica para operar sobre o conjunto de desenhos, baseadas na análise do discurso no sentido foucaultiano. Marcas que constituem uma matemática escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: *analisar os desenhos das crianças enquanto fotografias daquilo que permeia uma sala de aula, nos permite entender que verdades estão circulando e instituindo a matemática escolar.*

Verdades circulam também na docência de matemática e na formação docente. Como movimento de problematização dessas verdades, Suelen Assunção Santos e Samuel Lopez Bello problematizam a docência como uma prática que vem sendo construída por assemelhação a um modelo. O modelo, o assemelhamento, os efeitos das múltiplas identidades docentes... desconsideração da diferença como elemento constitutivo da docência. O que há na assemelhação a um modelo é sempre a *pretensão de previsibilidade porque se sabe a docência-seja-lá-o-que-for que se quer produzir, se sabe qual é a forma final desejada. Não se trata, pois de um processo de Formação de Professor de Matemática que virá a ser algo novo, em devir, mas apenas reprodução de velhas necessidades e finalidades, cumprindo o dever.*

Formação. Educação Matemática como área científico-acadêmica. Formação de uma área. Filipe Fernandes e Rosilda Morais, problematizando os discursos e saberes matemáticos, intencionam *problematizar a nós mesmos, educadores matemáticos*. Os autores lançam mão de fragmentos de narrativas de educadores matemáticos para pensar a formação do educador matemático, assim como da área de educação matemática. Ferramentas foucaultianas são acionadas nesta operação. Os autores afirmam: *buscamos exercitar essa sensibilidade e ver no monumento de pedra educador matemático sedimentos que dizem de processos históricos que, nas dinâmicas de uma sociedade marcada pela disciplina e pelo controle, determinam sua existência. Nosso olhar para esses processos aponta para a necessidade de construção de uma agenda de investigação que se dedique ao estudo da posição científico-acadêmica da Educação Matemática no Brasil, abrindo frentes de pesquisa que assumam o cuidado da comunidade com seus modos de constituição e consolidação junto à trama poder-saber*.

Ferramentas foucaultianas – como normalização, governo e neoliberalismo – são acionadas por Karin Ritter Jelinek com o intuito de *discutir a (re)atualização do discurso das altas habilidades em matemática na contemporaneidade*. O artigo estuda os efeitos da prática discursiva da inclusão, desdobrados em discursos pró-inclusão, na racionalidade neoliberal contemporânea. A ferramenta governamentalidade é usada na compreender as altas habilidades como uma tecnologia de governo dos indivíduos escolares. Assim, *como mote deste processo, temos que aqueles que antes eram nomeados como superdotados e que tinham, sobretudo, um valor científico para o Estado, atualmente são conhecidos como portadores de altas habilidades e apresentam, além do valor já mencionado, significativo valor social e econômico*.

Buscando problematizar as maneiras como o poder disciplinar é exercido no âmbito da Educação, mais especificamente da Educação Matemática, Marcos Aurélio Zanlorenzi aborda o problema *da passagem do poder disciplinar para o biopoder, considerado fundamento para a constituição de uma sociedade de controle*. As resistências são discutidas em termos de propostas de arranjos curriculares diferenciados, as práticas de insubordinação criativa, propostas pedagógicas como o Programa Etnomatemática. Entretanto, *a questão que fica é: nós, educadores, desejamos opor resistência? Estamos preparados para assumirmos, responsabilmente, os riscos da decisão de resistir? São questões que nos desafiam, nos provocam a pensarmos, a retomarmos a famosa questão nietzschiana: afinal, que estão (os outros) e estamos (nós) fazendo de nós mesmos?*

Encontros... encontros... desejo de encontros... desejo de conjugar, rimar e atritar Foucault e Deleuze e educações matemáticas... uma *mudança de atmosfera*... uma *corrente de ar especial*... uma *emissão de raios*... um *novo pensamento*... possíveis... encontros... encontros...

Que a leitura conjugue, rime, atrite!!!

Referências

- BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Ed. Leya Casa da Palavra, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. [S.l.: s.n.]. Acesso em: 05 de maio, 2015, 1988.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008.
- FOUCAULT, Michael. *Theatrum Philosophicum*. In. **Ditos e Escritos Vol II: Arqueologia das Ciências e Histórias dos Sistemas de Pensamento**. RJ. Ed. Forense Universitária 2005.
- GALLO, Sílvio. **Deleuze e Educação**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003.
- OLIVERIA, Wenceslao Machado. Uma educação e um cinema no terreno? O espacial e as imagens verdadeiras em Fernand Deligny e Cao Guimarães. In FRESQUET, Adriana, **Cinema e Educação Lei 13.006: Reflexões, perspectivas e propostas**. Produção Universo. 2015.
- SABINO, Fernando. **O Encontro Marcado**. 34ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1981.